

MAGALHÃES, Basilio de. Folclore infantil. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 06 abr. 1950.

FOLCLORE INFANTIL

Tenho a honra de pertencer à Comissão Nacional de Folclore do IBCC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura); mas os achарques da minha adiantada velhice não me têm permitido assistir-lhe às sessões, nem às solenidades especiais. Envia-me ela, contudo, com a máxima regularidade, os seus boletins semanais, assim como as publicações em que enfileira outras manifestações da sua profícua atividade.

Ausente do Rio, chegou-me às mãos, com algum atraso, o opusculo em que foram compaginados os trabalhos da "Semana Folclórica", de 22 a 28 de agosto de 1948. Encerra o mesmo interessantes assuntos de ordem geral, como, por exemplo, os que foram objeto da "Mesa redonda sobre folclore" (pags 15-30). Procurou-se então, traçar fronteiras precisas entre a etnografia e a demopsicologia, havendo tomado brilhante parte no transcendente debate algumas das figuras pinaculares das nossas letras, como Gilberto Freyre e Silvio Jullio, Artur Ramos (este, infelizmente, já viajador do Eterno-Alem) e Joaquim Ribeiro. Temas não menos importantes e curiosos, quais os da íntima entressaem da educação com o folclore e da arte etno-ética do nosso povo, foram versados por d. Cecília Meireles, Nobrega da Cunha Alceu Maynard Araújo, Augusto Rodrigues, Julio Cesar de Melo e Sousa, Silvio Pedrosa, Pedro Gouveia Filho e Renato Almeida, que foi o idôneo diretor dos trabalhos.

Deixando para ocasião mais propícia, em que eu disponha de maior espaço, a apreciação de matérias que demandam investigações científicas e esclarecimentos teóricos de vulto — vou cuidar agora da conferência de d. Henriqueta Rosa Fernandes Braga. "O cançãoeiro folclórico infantil e sua contribuição à música erudita" (pags 47-63), com abundantes composições da arte dos

Muito me alegrou a referência eloquiosa, feita ali a uma das minhas mais preclaras conterrâneas (nasceu ela em São João del Rei e faleceu desastrosamente em Petropolis), pela forma seguinte: "No início deste século, a notável pesquisadora Alexima de Magalhães Pinheiro publicou na Coleção "Teka" as séries A, B e C, respectivamente intituladas Cantigas das crianças e

do povo e danças populares, coligadas do folclore brasileiro. Os nosos brinquedos e as nossas historias (cantadas). Creio poder afirmar representarem esses três volumes o primeiro grande esforço, em nosso meio, para reunir e publicar texto literario e musical dos nossos cantos folclóricos infantis. Não obstante, já revelam segura orientação e rigorosa fidelidade, tornando-se de consulta obrigatória para qualquer estudo especializado".

A veneranda professora mineira, pertencente a uma das mais distintas famílias da terra natal do Tiradentes, havia traçado um amplo programa para a sua obra educativa. Aqueles três series seguiram-se-lam dois volumes (series D e E) de "Historias contadas", um de "Proverbios populares" (serie F) e outro (serie G), que se denominaria "Hinario brasileiro" ou "Poemas e hinos patrióticos". O seu inesperado trespasso, sob as rodas de um trem da E. F. Leopoldina, não lhe permitiu realizar todo esse belo ideal prático.

D. Henriqueta Braga encomiou igualmente o volume coligido por Figueiredo Pimentel, "Os meus brinquedos", dado a lume naquela mesma época, porem deixou no olvido as "Canções populares do Brasil", reunidas por d. Julia de Brito Mendes, a qual, afóra composições de autores conhecidos acompanhadas das respectivas musicas, aproveitou certo numero de produções rimadas do nosso folclore

Ao aspecto literario-musical, foram esses três patriotas nossos os pioneiros do desbravamento integral da opima, porem então quase de todo abandonada, serra do populario infantil. Releva notar que d. Henriqueta Braga ainda mencionou, considerando-a, contudo, já dos passados dias, a obra do abalizado filólogo e folclorista Lindolfo Gomes, "Contos populares brasileiros", a qual "encerra 30 cantigas de adormecer". E recensou todos quantos modernamente se distinguiram pelo estudo do folclore musical infantil.

Uma das maiores vantagens da conferência é a de conhecer o precioso material pertencente ao Centro de Pesquisas Folclóricas, criado e dirigido na Escola Nacional de Musica pelo competente e probo doutor catadriático Luis Heitor Correia de Azevedo, que affrontou os desconfortos de longas viagens

por diversos e reconditos pontos do Brasil, colheu pessoalmente, ou por intermedio de seus discipulos, a preciosa safra que ali existe agora, reduzida a um grande fichario e a uma não pequena discoteca. Posso avaliar da valia inestimável da colheita encobrida ali e ainda não bem aproveitada, porque assisti a muitas sessões publicas do Centro de Pesquisas Folclóricas, a algumas das quais tive a honra de presidir, por insistência daquelle meu preclaro aliigo e companheiro de trabalhos nos domínios da demopsicologia.

Muito racional a divisão do cançãoeiro folclórico infantil, apresentada por d. Henriqueta Braga. Distingue ela no mesmo os quatro grupos seguintes a) "acalantos ou cantigas de ninar" (são as chamadas "canciones de cuña", cantigas de berço, dos povos de origem castelhana); b) "pequenos estribilhos musicais que integram as historias cantadas e contadas"; c) "brinquedos cantados, aos quais se filiam as cantigas de roda"; d) "canções avulsas, que as crianças entoam em qualquer das suas atividades, por serem estas, em sua maior parte, tomadas a outros brinquedos, mas entoadas nas mais variadas circunstancias, desde que desejem cantar e nada com'ecam de apropriado ao momento".

Deixarei á margem a canção petropolitana "Atirei um pa no gato" e a versão mineira (colhida por Luis Heitor em Diamantina) dos "Escravos de Jó", para cogitar de "A velha que tinha nove filhas", canção de roda que, consoante a conferenciada, "provem de uma parlenda provavelmente originada de um ensalmo". Flo também seja uma "oração curatriz, filando-se áquelas que pregizam os numeros em ordem de rescente". Ponderarei apenas que desce menino, conheço a parlenda sob o nome de "Tangiomangio" (forma contracta de tangolomangio), que deu asento o "Pequeno dicionario brasileiro da lingua portuguesa". Eis como aprendi as duas quadras iniciais:

"A mãe tinha nove filhas,
e uma foi fazer biscoito;
deu o tangiomangio nela,
não ficaram senão oito.

DESSAS oito, meu bem que ficaram,
uma foi comprar um leque;

deu o tangiomangio nela,
não ficaram senão sete".

Quanto á cantiga de adormecer "Nigue nigue", constante do "Ensaio sobre a musica brasileira" de Mario de Andrade, não a considero "mistura incompreensível de português e africano". Nada mais natural juntassem os filhos do continente negro palavras de sua metropoles de alem-Atlantico a versos formados por eles proprios em nossa lingua. Fis uma canção de tal genero, ouvida por mim, ha mais de meio século, numa "dança de

moçambiques", realizada no oeste mineiro, e que não passa de variante de outra canção luso-africana, inserta por Silvio Romeiro em sua "Historia da Literatura Brasileira":

"Se ocê gosta de mim,
eu tambem gosto de ocê.
Aiê, aiê, calunga,
mussunga, mussunga, é.

Se seu pai consinti,
eu caso com ocê.
Aiê, aiê, calung,
mussunga mussunga, é".

"Mussunga" e "mussango" são vozes que semp se me depararam em todo mixtum-compositum de ta descantes dos melanoderanos introduzidos em nosso vasto territorio.

Dos acalantos em que entram danças de varia especie, creio podem ser arrolados como de procedencia lusa apenas os da "coca" (o. "cuca") e do "papão" (a do "tutu" e do "negro-velho" denunciam origem africana, notando-se que no primeiro tambem apparecem aglutinadas certas vozes provavelmente quimbundas, como "zambê" ou "cambê", "marambá" ou "marambala", afóra outias.

Os acalantos "Acordel de madrugada" e do oferecimento da criança á tua, para cri-la e devolve-la depois aos braços maternos ouvimos igualmente em Minas, vindo mais tarde a conhecer um de "su-su-su", peculiar do Amazonas no poemeto onomatopéico "Acutipuru" de Gastão Figuera.

Se são certamente ibericos os de "Maria-Cachucha" e de "João-Balalão", é licito attribuir-se a fonte africana o de "João Curutu", mas de inspiração indigena os do "sapo-cururu" e "sapo-jiruru". Parece-me mais logica esta ultima forma, visto como "sapo-cururu" não passa de detestavel pleonasmocururu significa em n'engatú o mesmo que se diz sapo em português).

Muito acertada a classificação dos "brinquedos cantados", proposta por d. Henriqueta Braga á pag 56, e assim formulada: a) "brinquedos de roda (em pé), como a "Ciranda, cirandinha"; b) "brinquedos de roda assentada, como "Uma, duas angolinhas"; "Escravos de Jó"; c) "brinquedos de fileira, como "A agulha"; "O pobre e o rico"; d) "brinquedos de marcha, como "Marcha, soldado!" e) "brinquedos de palmas, como "Pirlito que bate, bate".

A parte final da sua instrutiva palestra que, todavia, não mencionou o brinquedo de roda (canção) "A viuvinha" (do qual conheço muitas variantes, reservou-a d. Henriqueta Braga para a explicação de "ciranda" lusa (evidentemente atinuda da fauna agrícola da nossa metropole), com as versões brasileiras da "moda da carrasqueira" e tambem portuguesa e que passou no Brasil a "moda da carranquinha" e até, a "moda das tais anquinhas", nem olvidar a parlenda da "Senhora Dona Caninha", transmutada em gueses. País para "Senhora Dona Marcha".

Entre as cantigas infantis, vindas da França para aqui (indubitavelmente por intermedio de Portugal), arrolou o illustre folclorista "O pobre e o rico" (Je suis pauvre pauvre, pauvre), "Girofié girofiá" (ligado ao brinquedo Savez-vous planter des choux?) "Frade Jacques ou irmão Jacques" (Frère Jacques) e "Tá na ponte da Vinhaça" ou "Surupanga da vingança" (Sur le pont d'Avignon), de que ela enumerou mais outras corruptelas.

Culpro, portanto, um simples dever, apresentando a d. Henriqueta Rosa Fernandes Braga os meus sinceros aplausos pela sua excelente conferência, realizada por ocasião da

"Semana Folclórica" de 1948, e em que se encontram elementos tão aproveitáveis á nossa demopsicologia infantil, tanto ao aspecto geral, quanto ao poetico musical propriamente dito.

Fui distinguido, no ano proximo passado, com a gentileza da oferta de um erudito volume, "Folclore de Alagoas", da lavra de Theo Brandão, quem deploro não possuir senão ligeiros dados biograficos, Presumo seja ele medico e sei que o seu primeiro trabalho, vindo a lume em 1933, "Higiene e puericultura", lhe deu jus a ser chamado para a direção da Instrução Publica do seu Estado, cargo de que resistiu o seu relatorio "Um ano de administração do ensino em Alagoas" (Maceió 1942), e que, afóra outro estudo em preparo, "Puericultura e pediatria populares de Brasil, ainda traz na forja "Folclore e danças populares de Alagoas" e "Folclore infantil".

Na terra do sururu nasceram Julio Campina (pseudonimo de Luis Tenorio Cavalcanti de Albuquerque), Jaime de Altavilla, Diegues Junior e Lagos Filho, Luis Lavenère, Alfredo e Otavio Brandão que figuram com brilho em nossas letras sociais, sobretudo em nossa demopsicologia e em nossa prosa de ficção.

O pedaco da nossa Patria que se orgulha de ter sido berço de Deodoro e Floriano, celebrizou-se tambem, ainda em começos da Republica, pela politicaçom dos Maltas (um dos quais realizou escandaloso emprestimo que fez gemer tudo quanto era rico existente em nosso País) trazendo agora no galarim os Gols Monteiros, dentre estes o seu atual governador cujas facanhas estão envergonhando os "Ansis" do austero Senado Federal. Afortunadamente emtham ali algumas tribos de intellectuais pacificos e operosos, quais as dos Mendonças e Brandões.

São dignos do maior apreço todos os 18 capitulos da obra de Theo Brandão, tendo eu lido com assinalado proveito os intitulados "A antiguidade dos remedios populares", "Da Europa e do Egipto no Brasil" (este a proposito de "alm-pararico"), "Paremiologia alagoana", "Agricultura popular", "O cavalo e folclore".

Mas, não dispondo de espaço sufficiente para esmerilhar tão curiosos assuntos, vou adstringir-me á parte do livro em que o abalizado escritor se voltou para a demopsicologia infantil.

Limitar-me-ei, portanto, aos capitulos de pags 39-61 e 71-82, "Adivinhas populares" e "Ainda as adivinhas populares", os quais mais de perto dizem respeito á curiosidade, sempre avida, e sempre aguçada, das crianças brasileiras.

Não s' o dr. Theo. Brandão fez justiça aos mais notáveis patriotas nossos que se embrenharam no aranhol do folclore infantil, como aproveitou a valiosa contribuição do seu colega dr. José Maria de Melo, a quem se deve uma consideravel coleção de adivinhas populares.

O primeiro dos acima citados capitulos estudou o autor nada menos de 53 adivinhas, fazendo da maior parte delas lumbroso estudo comparativo, que s' atesta a copiosa leitura de folcloristas indigenas e alienigenas. Não hesitou em abrir matricula para as escatologicas de ns. 34, 41 e 42, alegando as escusas que para tanto externou Mario de Andrade em seu trabalho "Namoros com a medicina". A n. 5, que corresponde á aguardente (mais conhecida no Brasil pelo nome de cachaca) traz errado o terceiro verso ("causo alegria, faço mal"), que assim não vem na variante mineira que conheço:

"Eu me chamo para todo:
para o calor, para o frio,
causo o bem e faço o mal,

com todo o mundo arrelio".

Não teria havido necessidade de explicação, dada pelo autor á de n. 44, porquanto, se a Igreja é a "Santa Madre", Jesus Cristo não deve ser confundido com o "Pai eterno". Não teria havido necessidade do concílio de Nicéa, nem existido a controvérsia ou heresia de Ario, se a doutrina cristã não houvesse explicitamente separado as duas pessoas distintas (Pai e Filho), acrescentadas de ave (Espírito Santo, também representado, certa vez, por linguas de fogo), formadores da Trindade, já anteriormente conhecida dos hindus e dos caldeus (desta ultima trouxe o sábio campineiro, meu falecido amigo dr. José de Campos Novais, em seu substancioso e grosso volume, intitulado "As origens caldeanas do cristianismo")

No capítulo "Ainda as adivinhas populares", Théo. Brandão dá á estampa as 50 que colheu em seu Estado natal, "entre pescadores da Massagueira e da Rua Nova e tiradores de coco do Assovo e da Ribeira".

Antes de dá-las a publico, enaltece, com justiça, os trabalhos de três colecionadores de tais formas do nosso populario: Sebastião de Almeida Oliveira, Rossini Tavares de Lima e Verissimo de Melo. E, antes disso, fornece aos poucos estudiosos da demopsicologia em nossa Patria a grata noticia de que o conceituado medico alagoano José Maria de Melo pretende tirar dos prelos uma obra de folego, "a maior que já se fez no País", e talvez só equivalente "á que Lehmann-Nitsche colligiu na Argentina", e que sairá com o titulo de "Enigmas populares do Brasil". Mais amplo embora que o seu sinonimo geralmente empregado nas duas principais linguas ibericas, é perfeitamente aceitavel o novo esignativo, "enigma", escolhido pelo cientista alagoano. As duas mais extensas obras, que foram até agora editadas nesta parte meridional do continente colombiano, sobre o assunto folclórico de que estou cogitando, foram sem duvida, as "Adivinanzas rioplatenses" (um volume de cerca de 500 paginas) do egregio tudesco Lehmann-Nitsche, falecido em Berlim em 1938, depois de haver prestado á Argentina inesqueciveis serviços durante longos anos, estudando-lhe as tradições populares e dirigindo-lhe o Museu de La-Plata, e as "Adivinanzas corrientes en Chile" de Eliodoro Flores. Ambas foram en-

tregues á publicidade em 1911. Já é tempo de aparecer no Brasil, em lugar de magros opusculos de caracter presumidamente regional, coleções de adivinhas de maior tomo e maior larva espacial, que nos ponham, pelo menos, em condições de igualdade com as citadas Republicas sul-americanas. E não faltam a alguns dos cultores da nossa demopsicologia nem esforço material nem capacidade intelectual para tarefa de tal vulto.

Apreciarei sucintamente duas adivinhas das colecionadas por Théo. Brandão ás pag. 77 e 79 do excellentissimo volume de sua autoria.

A primeira (n. 34) reza assim:

"Verde foi meu nascimento,
em ferros duros passei,
eu entrei no mar a dentro,
fui á presença te el-rei".

Assevera o folclorista alagoano ser esta uma das mais "mais belas adivinhas" pois sintetiza todo o processo economico do açucar, agricultura, industria, transporte e, "por fim, o antigo processo de distribuição, que era privilégio da coroa portuguesa".

Anotando a n. 42 para a qual confessa não ter achado adivida resposta, lembra-me a "Lima ou lichia, originaria da China, ha muito pouco conhecida no Brasil". A referida adivinha diz assim:

"São quatro frutas no mundo
que soletra a letra "l":
laranja, lima e limão
Qual a outra deve só?"

A deliciosa sapindacoa, de arilo comestivel, conhecida no Extremo Oriente como "litchi" já existe até na região central do nosso País, porquanto em Belo Horizonte é chamada "alechia" ou, vulgarmente, "ovo de pomma" (informação que me foi dada pelo competente agronomo dr. Maurício Fonseca, diretor do Horto Experimental de Nova Baden). Com a protetica evidentemente não dá a solução á adivinha. Mas o "Pequeno dicionario brasileiro da lingua portuguesa" registra a palavra sob a orthographia "lechis".

São consideradas atualmente as três melhores frutas do mundo a lichia, a cherimolia (annonca especie da essa fruta de cono e caqui (da familia das ebenaceas). Do opulento repositorio que o folclorista de Alagoas não esquece aproveitar oportunamente outras valiosas achéguas.